

SATORI

HORÁCIO
S
T
A

SATORI

1ª edição
Uberlândia - MG
2019

o sexo da
PALAVRA

SUMÁRIO

Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais. 2019
Curadoria: Fábio Figueiredo Camargo
Projeto gráfico: Antonio K.valo
Revisão: Luana Marques Fidêncio

C837

COSTA, Horácio
Satori. COSTA, Horácio - Uberlândia (MG): O sexo da
palavra, 2019.124 p.

ISBN: 978-85-93892-18-9

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia Brasileira. 3. Poesia.
1. Título

CDD: 869.9

CDU: 821.134.3(81)-1

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em
vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim
Ana Maria Colling
André Luiz Mitidieri
Andréa Sirihal Werkema
Cíntia Camargo Vianna
Cláudia Maia
Cleudemar Fernandes
Davi Pinho
Djalma Thurler
Eliane Robert de Moraes
Eneida Maria de Souza
Flávia Teixeira
Flávio Pereira Camargo
Joana Muylaert
Karla Cipreste
Larissa Pelúcio
Leandro Colling

Leonardo Mendes
Luciana Borges
Maria Elisa Moreira
Nádia Batella Gotlib
Patrícia Goulart Tondinelli
Paulo César Garcia
Renata Pimentel
Ruth Silvano Brandão
Telma Borges
Vinícius Lopes Passos

CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo
Leonardo Francisco Soares
Ivan Marcos Ribeiro

UM AR CIMBOLDI TEXTUAL	10
O BAR DA SENHORA OLVIDO	16
SATORI	46
DA LEITURA	49
CORDAS	50
SOBRE O VAZIO	51
DENTRO É FORA	53
CONVITE	54
RETRATO DE MEMÓRIA	56
LA ROTONDA DE PALLADIO	57



O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais
Av. Cesar Finotti, 566/302 | Jd. Finotti
CEP: 38.408-138 | Uberlândia - MG
Tel: (34) 3084-3532
CNPJ: 27.693.900/0001-18
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

www.osexodapalavra.com

LA VITA	58	O RETRATO DE DOM LUÍS DE GÔNGORA	80
NOTURNO DA CIDADE DO MÉXICO	60	POEMA	81
VIAGEM DE NEW HAVEN A NOVA IORQUE	65	POEMA	82
SATORI	67	CORRESPONDÊNCIAS	84
ANIVERSÁRIO	70	ESTOU FARTO DE HUMANISMO, VIVA AGORA O PAN-COISISMO	86
KARAKORUM	72	A PAIXÃO DO VAZIO	89
ESCRITO ÀS SEIS DA MANHÃ	74	O BARCO BRANCO	90
TRÊS LARANJAS	75	CETRARIA	92
ESCRITO NA AULA DE JACQUES DERRIDA	76	FP ENTRA AOS JERÔNIMOS	94
CAULES DE VENTO	77	2 DE NOVEMBRO 2 DE FEVEREIRO	98
OS MESTRES	79	ESTADO DE GRAÇA	104

UM ARCIMBOL DI TEXTUAL

O prólogo ao Satori é não só a vida inteira, toda a realidade, mas também as existências anteriores, míticas, sonhadas pelo sujeito ou por essa alucinação persistente que considera como seu “eu”. Desses estados preparatórios só tem uma vaga consciência no sonho – na sucessão de imagens ao mesmo tempo prismáticas e desalinhavadas do sonho –, na escritura – o Diário esquecido e hoje recuperado convoca por si próprio, como um animal agradecido, expulso e aceito de volta, um éden das palavras, uma utopia verbal – e no amor – nesse Outro nos dissolvemos, até atingir como que um apagar da individualidade, o anonimato genético.

Se estes três estados, sonho, amor e escritura, nos fazem vislumbrar o estado absoluto do Satori, é porque neles a linguagem também se encontra em condição de precariedade: no sonho porque constitui, desconexa, precisamente sua matéria, sua madeira; na escritura porque se trata, antes de mais nada, de captar seu surgimento, de presenciar sua epifania ou sua retração; no amor porque sua luz zenital, ou seu êxtase, excluem-na por definição.

A linguagem do Satori é, como o esboça a destes três âmbitos, a que circunscribe o indizível, brusca agrimensura do não verbal.

No entanto, consignar o relâmpago do satori, dar conta, ainda que minimamente, de seu acontecer, só pode passar pela opacidade da palavra, pelo rudimento – dispêndio eloquente ou severa parcimônia – de um certo dizer.

Estes poemas são, pois, a cenografia da palavra transformada em seu próprio inimigo, em seu amante antípoda: o Outro do dizer. O poema avança sempre na diagonal, como um bispo, se detém, apela a todos os idiomas, cai, se incorpora, volta atrás, reflete, investe. Mas sempre consegue dar – nisso é exemplar a aventura de Horácio Costa – uma medida exata de sua turvação, unicidade que é seu esplendor.

Se nestes versos as arquiteturas reluzem, nácar ma-
neirista, coral e ouro, como nas cidades oníricas e vazias de
Antoine Caron; se uma luz de De Chirico cai sempre sobre
os ostentosos monumentos, é porque a autoridade icônica
da paisagem não aparece na página a não ser para sublinhar
as ruínas da linguagem que a descreve, uma linguagem que
enuncia o Outro possível, esse “louco numerável” que nos
habita e cuja presença procuramos evitar com o meticuloso
simulacro de nossa lucidez.

Livro da palavra sistematicamente desordenada, Satori
nos conduz não à cena, e sim ao reverso de uma ópera: as vo-
zes dispersas e múltiplas procuram apreender algo, um objeto
fugidio e sem nome; os astros incandescentes na luz fóssil de
uma galáxia ou as ilhas de um instável arquipélago, unidos
por linhas pontilhadas, compõem lácteos centauros, atlantes
desmesurados flutuando sobre o mar. Satori é como um es-
peranto que funcionasse com a nitidez e a elegância de um
silogismo negativo; o lúcido encadeamento de árvores minia-
turizadas e de areias de diferentes texturas no jardim de um
templo zen; um espantalho oratório; um arcimboldi sintático
cujos fragmentos – palavras – são sempre reconhecíveis e não
obstante conseguem integrar uma careta figural.

Satori é também um livro de iluminuras: brucas ilumi-
nações, minuciosas miniaturas. Blecaute branco do ser.

*Severo Sarduy,
Saint Léonard, 1, I, 88.*

PARA MANUEL

0 BAR DA SEN HORA OLV IDO



Ao meio-dia

sol a pino banhando os monumentos
e os arcos-de-triunfo
pelas sombras existentes

poucos, insinuantes
no repouso
com os membros cansados
eles
sobrevivem na espera.

A velocidade é pequena

a sua inda menor que a do sol
o dia, longo
as horas perpetram meridianos de chumbo
a cidade,
rodamoinho
incompreensível.

Mais tarde

o bulício desfaz-se
deixando a certeza
que a máquina volta a funcionar amanhã
esvaziam-se as ruas
o que era simples coluna
adquire relevância violenta
e a cabine telefônica
surpreendente possibilidade de linguagem
quando
as árvores crescem em silêncio

aos pés dos monumentos despidos de altura
e o pedestre nada vê além do muro lindeiro à calçada
eles e elas
— estas pessoas —
na companhia dos que não voltaram para casa
por não terem motivo
ou não terem casa
se põem em movimento
para reunir-se no esquecimento do dia
os meridianos, cristal finíssimo
confundidos com a noite
em algum lugar
agora
neste bar.
Um vulto no caminho
é promessa de grana
ou de um amigo
e um trago,
uma torrente de histórias
de geografia e romance livres
ou de um freguês
e uma cama, lençóis lavados
além da imaginação.
Vão escrevendo a noite da primeira
às últimas horas. A promessa
rara vez se cumpre. A perseguição
do vulto, inócua, termina fatalmente
passados alguns metros, e outros mais
monumentos. Os pés estão acostumados:
pari passu
dirigem-se
mesmo felizes
para este Clube do Esquecimento.

Por madrinha, Nuestra Señora del Olvido.
Por lugar aparente, digamos
todos, incidindo o Aleph das cidades
neste acaso em Barcelona. Por tempo,
o que quiserdes.

Bêbados mendigos prostitutas
desistentes desistidos
marginais bandidos
quase sempre dissidentes.

Houveram por bem chamá-los
“loucos”.

Assim cognominados
evitam que reconheçamos
em nós próprios
o Outro.